

**SER-SENDO GAY NO ESTADO ISLÂMICO: UMA INVESTIGAÇÃO
FENOMENOLÓGICA A PARTIR DE UM TEXTO JORNALÍSTICO QUE NARRA O CASO
TAIM.**

Hiran Pinel

hiranpinel@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

Débora Nascimento de Oliveira

debora-no@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3015461586532041>

Cleyton Santana de Sousa

csantanaes@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9472449456796888>

“Não, a vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa (...)”
(NIETZSCHE, s/d; p. 215.).

“Quem tem os pés muito feridos, dê o braço ao seu
companheiro ao lado, cujos pés doem um pouco menos”
(FRANKL, 1981; p. 24).

RESUMO

Analisa compreensivamente, através do método fenomenológico, os “modos de ser sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2004) do jovem iraquiano Taim, 24 anos de idade, estudante de medicina, condenado pela organização denominada, desde 2014, de Estado Islâmico, por ser homossexual, e que foge do seu país, ajudado pela sua mãe, mesmo enfrentando um pai fundamentalista. A narrativa encontra-se em artigo jornalístico (HAWLEY, 2015). O processo de subjetividade do jovem é marcado também por uma educação não escolar que reside ali, pautada pela resistência, resiliência e esperança. Taim se desvela uma espécie de herói comum do seu cotidiano (e Estado) repressor – vivido por ele assim -, e que ao mesmo tempo dá brechas e pistas para fugas inventivas, novas possibilidades de ser sendo.

Palavras-chave: Ser-sendo gay; Juventude; Estado Islâmico; Iraque; Investigação fenomenológica; Texto jornalístico; Educação Não-Escolar; Processo de subjetividade.

Introdução

Ainda é incomum encontrar uma produção científica brasileira acerca do impacto do Estado Islâmico (EI) na produção da subjetividade, incluindo aí o homossexual. O gay, de modo geral, no mundo, tem atuado em oposição ao estabelecido de punição, contra sua própria por morte concreta e ou simbólica – o poder da vida é reestabelecido colocando potência no ato de viver. Mas nosso foco aqui é no Estado Islâmico, que pode ser descrito como uma organização jihadista islamita de orientação Wahhabita que opera majoritariamente no Oriente Médio e aqui, especificamente, no Iraque, lugar (tempo) de onde saiu o nosso estudo de caso fenomenológico chamado Taim. Mas o tema é complexo demais e não é só isso.

Trata-se o EI de uma organização de tendências revolucionárias. Ele tem sido descrito, por boa parte da imprensa Ocidental, como uma milícia, um grupo não estatal, organização criminosa e terrorista, e até por isso, ele tem seu poder de mando, repressão. Com esse clima psicossocial concreto de paranoia, o EI vem criando novas perspectivas na produção subjetiva de homossexuais naquele seu tempo-espaco, no caso, uma cidade do Iraque. Como tal organização segue o islamismo e com isso o Alcorão, há um discurso e ação de perseguição com condenação (oficial) de morte contra os gays.

Mantovani (2016) nos informa de que a relação homossexual é crime em aproximadamente 73 países e de que neles se incluem alguns não-muçulmanos, e ainda de que 13 países islamitas defendem juridicamente a pena de morte. A autora, para confirmar tais dados, recorre a uma séria instituição, a ILGA - International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association, que monitora as leis relacionadas ao tema há 11 anos, sendo esse acontecimento classificado como “homofobia de estado” (p.1). Essa quantificação representa 37% do total de estados membros da ONU - Organização das Nações Unidas.

No Iraque, país de nascimento de Taim, o código criminal havia sofrido emendas em 2001 para possibilitar a pena de morte para homossexuais, mas com a ocupação estadunidense, restaurou-se o código para a edição original de 1969. O país pune, mas

não se descreve ainda, o tipo de punição. Entretanto, há regiões do país dominadas pelo EI, e que impõe leis mais severas e efetivam assassinatos públicos como o finco de ameaçar a população, como que dizendo que não apoiam tal modelo de comportamento: “No Iraque, uma fatwa (pronunciamento legal-religioso) diz que homossexuais devem ser mortos da ‘pior forma possível’” (HOMO, 2016; p.1).

Como já dissemos, e repetimos, nosso interesse aqui-agora é pelo processo da subjetividade de um rapaz de 24 anos, estudante de medicina, chamado Taim, que teve oportunidade de sair de seu país fugindo às perseguições do Estado Islâmico contra sua conduta homossexual. Mesmo considerando Taim como ser-no-mundo, reconhecemos também que a pesquisa fenomenológica propõe um imbricar sujeito-objeto, e assim se esclarece que o seu vivido se dará também por nossa análise compreensiva.

O objeto/ tema de nosso estudo pode ser assim descrito: processo de subjetividade de um gay que consegue fugir de seu assassinato oficial de uma cidade iraquiana, donde o EI predomina e domina a região. Ao longo da pesquisa, o fenômeno resistência aparece como um dos “modos de ser sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2004) dele - o de Taim.

Nossa interrogação de pesquisa é: O que e como é ser Taim, um jovem de 24 anos de idade, que por ser homossexual em uma cidade do Iraque dominada pela organização EI, foge do seu país?

O objetivo então da pesquisa é o de analisar compreensivamente esse jovem de nome Taim, dentro de sua cidade, pertencente ao Iraque, que consegue fugir dos ditames do EI em matá-lo por ser gay, pontuando seu estado subjetivo em processo.

Mas esse tema é por demais complexo, e também por isso apresenta limites para nós os pesquisadores. O primeiro limite, pode ser uma condição, a de não conhecermos, de modo profundo e sensível, a realidade vivida dos países muçulmanos – sua cultura, história, sociedade etc. Não conhecemos nem a teoria e nem a prática da xaria, que é o nome que se dá ao direito islâmico, também se dá o mesmo com a as dinâmicas políticas bem diferenciadas das nossas, em muitos aspectos, e muito menos as perspectivas

futuras do Iraque. Isso implica o nosso desconhecimento de sentido da subjetividade social e individual do povo, bem como as questões do Estado imbricado com religião – nossa leitura fenomenológica, se dá dentro de nossa realidade contemporânea. As notícias que nos chegam é via a imprensa Ocidental que, em boa parte, tendem a criticar muito o EI. No entanto, parece que é muito claro que a perseguição aos homossexuais masculinos é algo explícito e aceito como verdade única no EI. Nosso foco aqui é os modos de ser sendo junto ao outro no mundo de Taim, entretanto, destacamos que pelo imbricamento sujeito-objeto de estudo, procuramos desvelar um processo de subjetividade dele, mas sem negar o lugar (e tempo) de onde falamos, nós pesquisadores brasileiros que somos sendo, de onde fala a jornalista autora da reportagem etc. Temos outros limites, mas pontuaremos apenas mais um: os dados foram obtidos através de uma única reportagem de jornal, por sinal, um órgão de imprensa respeitado (BBC), mas ainda assim uma reportagem jornalística relativamente pequena. Recomendamos ler ao público ler a reportagem, e fazer um exercício de desvelar os “modos de ser sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2004) do Estado Islâmico de um jovem gay chamado Taim.

Marco teórico.

Para analisar os dados trabalhamos com o conceito de subjetividade advinda da Psicologia Fenomenológica Existencial que considera o ser-no-mundo, ou como descreve Pinel (2004) os “modos de ser sendo junto ao outro no mundo”. Aqui trazemos as ideias desse autor acerca do que pode ser a subjetividade, algo em processo vivido, experienciado.

A subjetividade é algo que existe entre o si-mesmo (eu, ego, self) e o mundo, produzindo sentidos por essa indissociação.

Estamos interessados nos modos (atitudes, comportamentos etc.) ligados diretamente ao ser humano que é, mas em processo (sendo), sempre incompleto, inconcluso, inacabado, aberto que jogado no mundo trata de cuidar e descuidar de si, do outro e do mundo, como as coisas, as ideias etc. O si-mesmo só se desvela pelo existir

do outro que o faz inventar-se e imaginar-se um eu individual e singular, mas que no concreto, material é singular na pluralidade de ser sendo; é individual no coletivo, no grupal, no institucional. O ser-junto implica alteridade – o outro me pontua um “eu sou sendo”.

Conhecer, sentindo o fenômeno existencial de ser Taim, no seu mundo, pode significar conhecer sua expressão mais íntima, a assim chamada subjetividade, que traz marcada o mundo objetivo e coletivo. A subjetividade se mistura tanto com a objetividade do mundo, que muitas vezes vemos na camada interior da pessoa a sua sociedade, sua cultura, sua história. O ser humano tece sua internalidade prene de carne criando uma tessitura de alegria e tristeza, passividade e atividade, ação e paramento, ódio e amor e não tão dicotômico assim, indissociado que é na realidade vivida.

A cor, o teor, a substância “do-eu” tem sua carne e ao mesmo tempo o mundo externo – os elementos e as atividades expressadas têm muito de si, e muito do mundo, da externalidade.

Assim, uma pesquisa fenomenológica que visa a experiência vivida o outro, ao fazê-lo, acaba por desvelar parte de si interligado ao outro e o mundo – e aí pode estar uma das potencialidades que são os estudos nessa esfera. Isso também pode pontuar a base concreta do existir humano, aquilo que chamamos real, que nomeamos como tal. O sujeito da fenomenologia existencial é real, e não idealizado (e idealista) e nem abstrato. Ao contrário, ao dizer-se abstrato, se atentarmos bem, veremos o real que o cerca, é que o faz pensar “assim e assado”. Quando ele, no seu retrato, se porta abstrato, ele é concreto com isso, com seu mundo que o impõe fantasia(dor) de si, alienado por si, e noutras vezes se idealiza livre e não o é, e esse é seu real, algo que demanda ser provocado. Estudos da subjetividade pode desvelar a singularidade do sujeito e o mundo, um no outro, imbricados, assim como pode indicar possibilidades de se criar/ inventar uma intervenção ou interferência. O método por si só, quando aplicado, é considerado como de intervenção, pois ninguém sai intacto de um relacionamento humano, seja para cima, seja para baixo. E quando falamos de intervenção no processo de subjetividade social e ou individual, estamos expressando também a valorização que fornecemos a uma

educação esperançada (FREIRE, 1997) que merge de um lugar donde se pensava só repressão.

Material e método

Trata-se de uma pesquisa fenomenológica (FORGHIERI, 2001), centrado na vivência do jovem iraquiano Taim e o que ele desvelou à uma jornalista (HAWLEY, 2015), descrita e narrada em uma reportagem, numa única página, a página 1, da qual recorreremos nos resultados e discussão dos dados. Nossa intenção foi a de produzir uma análise, que não é definitiva, ao contrário, aberta a outras possibilidades por outros leitores, afinal somos feitos da mesma textura dos sonhos, tudo inconcluso, incompleto, efêmero - devir.

A investigação fenomenológica, aqui-agora descrita, propõe dois movimentos de pesquisa, movimentos esses interligados, indissociados: 1) *envolvimento existencial* com o fenômeno estudado; 2) *distanciamento reflexivo* desse mesmo fenômeno. No *envolvimento existencial* aconteceu nossa penetração da vivência tal de Taim tal qual foi é percebida, sentida e vivenciada/ experienciada. O outro lado, indissociado ao primeiro, foi o *distanciamento reflexivo* consistiu no olhar para a vivência/ experiência de Taim, com um certo distanciamento, compreendendo-a e tentando captar e enunciar, os possíveis significados para o pesquisador. Mas ao estar distanciado, e procurando descrever compreensivamente (empatia, pois) foi precioso que o pesquisado estivesse ligado ao vivido no envolvimento. Pensamos que conseguimos analisar uma possível essência da existência do nosso ser sendo pesquisador, junto ao outro – no mundo de Taim.

Pinel (2004), a partir de Forghieri (2001), propõe trabalhar com o método fenomenológico de pesquisa junto a materiais bibliográficos, pesquisas documentais etc., sempre produzidos por humanos, donde predomina a subjetividade do sujeito, envolvendo, pois, aspectos afetivos, inclusive do afetar, cognitivos (e com isso as expressões psicomotoras).

Resultados e discussão

O começo da narrativa de Taim é vital para a compreensão de seu sofrimento, e é nesse início que ele começa a mostrar um ambiente hostil dividido com o micro cotidiano amoroso seja de sua mãe, grande apoiadora e seu ex-namorado cristão. Nesse preâmbulo já percebemos como o Estado religioso fundamentalista lida com rigidez com dogmas religiosos:

Na nossa sociedade (iraquiana), ser gay é igual a uma sentença de morte. Quando o 'El' mata gays, muitos ficam felizes porque pensam que somos doentes. Percebi que era gay aos 13 ou 14 anos. Também pensava que a homossexualidade era uma doença, e só queria me sentir normal. Por isso fiz terapia durante meu primeiro ano na faculdade. Meu terapeuta me aconselhou a pedir ajuda aos amigos e dizer que eu passava por um 'período difícil'. Minha formação é muçulmana, mas meu ex-namorado vinha de um ambiente cristão, e eu também tinha muitos amigos cristãos, com quem costumava sair. Em 2013, envolvi-me numa briga com um colega de faculdade, Omar - que depois se integrou ao 'El' -, motivada por essa convivência com cristãos. Um amigo meu disse a ele que pegasse leve porque eu enfrentava um momento duro e recebia tratamento por ser gay. Foi assim que ficaram sabendo. Acho que a intenção do meu amigo era boa, mas o que aconteceu em consequência disso arruinou minha vida. Em novembro de 2013, Omar me atacou com dois amigos. Eu estava apenas andando para casa depois de um ótimo dia. Eles me espancaram, jogaram-me no chão e raspam minha cabeça. Diziam: 'Essa é só uma lição por enquanto, porque seu pai é um homem religioso. Olhe o que você faz!'. Ele queria dizer que eu só não tinha sido morto ali em respeito ao meu pai, porque venho de uma família religiosa.

Um dado curioso dessa vivência de Taim que desvela seus modos de ser sendo junto ao outro no mundo iraquiano é a semelhança com nossa sociedade preconceituosa: considerar o homossexual como uma doença que só se cura com o assassinato do sujeito portador dessa clínica, um tratamento radical, que se corta pela raiz, e que ao se sanar, e em público, pode ameaçar aos outros, servir de modelo. Então, de certo modo, há uma crença de que a homossexualidade é algo aprendido.

Omar prossegue perseguindo-o, mesmo ele tendo se afastado da faculdade por mais ou menos um ano, e logo ao retornar o ódio do outro prossegue, e regras religiosas são impostas. Como ele é gay, logo para o outro ele não é muçulmano, e não o sendo, tem status inferior como têm os cristãos da redondeza. Mais espancamentos dentro de sua cultura, ele também deve pagar jizya, que é “uma taxa paga por não-muçulmanos a

governos muçulmanos”, ele explica. Mas, o vivido é mais complexo ainda, por isso Taim prossegue linguarejando:

Eles me bateram até me deixar semiconsciente. Quase não conseguia andar, e parei de ir à faculdade por um mês. Então, no meio das provas finais, o 'EI' tomou o poder. Omar me ligou, pediu que me arrependesse e me juntasse a eles. Eu desliguei o telefone. Em 4 de julho, um grupo de soldados do 'EI' veio até minha casa. Meu pai atendeu a porta e eles teriam dito: 'Seu filho é um infiel e um homossexual, e nós viemos trazer a punição de Deus para ele'. Meu pai é um homem religioso, e para minha sorte conseguiu convencê-los a voltar no dia seguinte, para que ele pudesse verificar a veracidade da acusação. Ele entrou em casa e começou a gritar. Ao final, afirmou: 'Se essas acusações forem verdade, eu vou entregá-lo a eles, e feliz'. Eu fiquei estático, sem saber o que fazer ou dizer - muito menos me defender. Eu estava em choque. Mas minha mãe decidiu que eu deveria deixar nossa casa imediatamente, e começou a me ajudar a conseguir um visto para sair do Iraque. Era meia-noite e ela me disse: 'Estamos indo agora'.

A partir daí a figura materna, representando a compreensão do outro que sofre, passa a produzir nele uma vontade de sentido como descreveria o psicólogo existencial Frankl (1981) algo que evoca sentido da vida, pois a vida tem sentido no amor, no trabalho e no sofrimento inevitável. Com a força advinda da mãe, Taim empodera-se, desvelando a vitalidade advinda o outro - alteridade de ser sendo no mundo. Parece-nos, por sua narrativa, que ele ganha força, e pratica alguma forma de resistência: “Vim a público para honrar meu amigo que foi morto - e para todo homem gay que conheço que ainda está no Iraque”, já que se tornou resiliente, capaz de ‘cair e levantar-se e dar voltas por cima’, de se recobrar inventando adaptações inventivas de continuar opondo e insubmetendo, mas já “suportando melhor às mudanças vividas e fincadas na carne, apropriando-se mais de si no mundo” (PINEL, 2014; p. 47). Interessante notar, que o mesmo mundo que é repressor, dá-lhe pistas e brechas de saída e oposição, e de certo modo permite isso, pelo menos a ele, dentro de sua condição social, econômica, educacional (afinal, ele faz medicina) e a situação do pai dele ser um religioso islão respeitado até mesmo pelo EI. Tudo isso e muito mais circula no processo subjetivo de Taim, seus modos de ser sendo junto ao outro no mundo donde há resiliência e resistência.

Mas sair do Iraque, cercado e vigiado constantemente por tudo e todos, em um clima paranoico, não é nada fácil. Os preconceitos arraigados a ponto de não serem

considerados como tais, pois interliga-se às crenças, um policiamento constante dos corpos que devem ser submetidos. Estamos em uma outra cultura, em um Estado permanente de guerra, um país dissecado pela miséria surgida de uma história complexa, com domínio de países estrangeiros ocidentais, causadores desse mal-estar hoje nefasto no processo subjetivo de Taim. O jovem vai uma trajetória que em vez de defasá-lo e enfraquece-lo, o torna mais e mais resiliente e resistente, ele não desiste. A mãe o acompanha sempre: leva-o a casa da tia, consegue visto para ele, reserva voo para a Turquia. Mas nada é resolvido, e como um herói do cotidiano, sua marca interiorizada, ele é impedido até chegar ao aeroporto, pois há cidades da região curda fortalecidas, como Erbil, contra ele e todos como ele é, gay. Por ser gay e sair do Iraque, Curdistão não permitiria sua entrada. Ficou duas semanas tentando entrar. O motorista que o acompanha, contratado pela mãe, não deseja passar por Bagdá por medo dele ser repreendido. Insucessos que ele vive, mas sua esperança aprofunda, e ele pode ter constatado o quanto esse valor e subjetividade é uma “necessidade ontológica” (FREIRE, 1997; p. 1). Uma esperança que se amplia quando se tem quem ama e confia por perto, a sua mãe.

Em agosto, após semanas me escondendo, minha mãe deu um jeito de me levar a Kirkuk, dirigindo por campos e estradas de terra. De lá segui para Sulaymaniyah. Planejava ir para a Turquia, mas o primeiro voo disponível era para Beirute, e eu não precisava de visto - e aqui estou. Se eu tivesse ficado, o 'EI' teria ido atrás de mim e me matado como fizeram com outros. Se não me pegassem, meus próprios parentes teriam feito o serviço. Poucos dias depois que saí, soube que meu tio - irmão do meu pai - tinha jurado limpar a honra da família.

Em Beirute, distante da família, o facebook é um dispositivo que o mantém informado sobre sua família e amigos, sobre a rigidez e a perseguição constante contra os gays iraquianos pelo EI que usa o discurso religioso para efetivar seus objetivos de produzir modelos que não devem ser imitados e desviar a atenção do povo para questões econômicas e políticas. O irmão lhe diz, no facebook, no bate papo, que a família está fragmentada e o acusa de ser o culpado. Taim responde que ele não escolheu ser homossexual, e que o criminoso é o EI.

Envolvido existencialmente com esse heroísmo do dia a dia, resiliente, resistente e preche de esperança, Taim revela o final que esperamos de um filme como o final feliz.

Hoje o herói quer descansar depois de uma longa batalha, ele quer ficar em um lugar que lhe traga segurança e ficar “fora de alcance do meu pai e de qualquer extremista. Quero estar seguro, ser livre e ser eu mesmo - quero me formar e começar a viver... Só quero começar a viver”.

Mas da mesma região em conflitos com o EI, há outras coisas do mundo que facilitam a vida heroica de Taim, sempre desvelada nos seus modos de ser sendo junto ao outro (no mundo). Ele cita, por exemplo, mais um apoio:

Advogados de direitos humanos do Projeto de Assistência a Refugiados Iraquianos me ajudaram a obter status de refugiado e estão tentando me realocar em outro país, onde quero continuar meus estudos. Aqui vivo em um quarto do tamanho do banheiro da minha antiga casa. Estou num limbo. Acho que vou me recuperar aos poucos, mas sempre haverá a lembrança desse período negro quando tive que literalmente correr pela minha vida.

Dos amigos gays, bem como dos cristãos ele se afastou para protegê-los, pois o EI manipula e bem os sistemas de internet como e-mails, facebook etc. E contra ele e os gays há a maioria da população, que mesmo odiando o EI, elogia a organização com sua meta de mata-los, por seguir o Alcorão. Então, o nosso herói ainda não é a grande figura do local e nem mesmo em Beirute, também marcado pelo islamismo. Nesse sentido, Taim pode preparar-se, e evitando cansaço, ser um sujeito sem lar, procurando seu lugar (em um tempo) de segurança.

Por celular e pelo facebook, ele fala regularmente com a sua mãe, a que lhe dá força e sentido de vida, seja pelo amor materno, seja pela força que ela emprega em fazer dele um sujeito honrado e trabalhador e por ensinar-lhe a suportar a dor inevitável e ao mesmo tempo de questionar essa inevitabilidade, criando potências de fuga contra ela.

Agora mais relaxado, ele viu em um vídeo do EI um dos seus amigos, um gay de 22 anos de idade, sendo jogado do prédio e sendo exterminado, ao cair ainda com vida, a pedradas. Era estudante de medicina, ele revela, e tinha as maiores notas da faculdade, e produzia um trabalho científico elogiado pelos professores, pois nele dava pistas de descobertas científicas, e seus mestres ficam entusiasmados. Emocionado, Taim conta essa história, e desvela na sua fragilidade de ser sendo herói, e só se fortalece ao lembrar

da sua mãe: “Tudo o que queria era um abraço dela”. Como todo herói do cotidiano, ele passou por densas, tensas e intensas angústias: “Foi muito estressante, mas consegui”.

Pós-Escrito

A sociedade vivida por Taim, é fortemente repressora, e que obedecendo normas interpretativas do Alcorão, é favorável aos autoflagelos e morte aos gays: “É devastador ver a reação pública aos assassinatos do 'EI'; as pessoas se solidarizam com as vítimas apenas se não forem gays”. Mas o autoflagelo existiu em outras religiões, e existe até hoje em outros sentidos. Isso, entretanto, é muito complexo. É dessa “complexa” parte da sociedade iraquiana, criada pelo que se autodenomina de EI, é que se propõe controlar explicitamente a produção da subjetividade, mesmo que saibamos que todas elas propõem, de modo mais sutil ou não, um vigiar, um controlar dos corpos, mentes, almas. O jovem estudante de medicina Taim encontra sinais vitais, e os retira para uma experiência de ser-no-mundo, e agir contra essas propostas – a da mortificação corporal até sua morte: modos de ser sendo junto ao outro no mundo da resistência e da resiliência. Podemos imaginar uma educação não-escolar, formal e informal, cujo conteúdo é a esperança, que circula na sua cidade, nos grupos gays que geralmente se formam pela via do facebook, nas suas pessoas, tornando-os resilientes e resistentes.

Dessa repressão, que pode levar à morte, é que imaginamos a híbrida existência do seu funcionamento como aparato social, que ao propor punições, ensina modos de evitá-las, e mais, de não apenas aceita-las submissamente, mas de evadir-se delas, de inserir o discurso religioso na modernidade, nos avanços e prolongamento da vida – e sexo é vida, o prazer é vida, uma releitura do texto religioso, ficando com o bom, e afastando as prescrições literais, já que é um produto localizado em um tempo e espaço. Mas dizendo isso, não estamos nos propor ingênuos em complexa experiência da xaria, que é algo que alguns os pesquisadores brasileiros podem desconhecer. Ao mesmo tempo em que há experiências divergentes, pois há aceitação dos gays em alguns *locus* do islamismo, por outro lado, há sua presença concreta de manutenção da ordem

estabelecida de morte aos gays, assim como há ações individuais de oposição, de fugas para fronteira de si, indo além dela, sempre em busca de vida.

O mesmo aparelho ideológico que prende, é o mesmo que não dando conta total dos seus objetivos, liberta. Nem todos conseguem lutar contra, pois não são organizados coletivamente, mas ainda assim há saídas individuais de acordo com as variáveis ao seu redor, e com isso nos modos como cada cidadão apreende ou percebe a xaria, seja como destino, algo bom, algo ruim, uma invenção social e histórica, um valor que não se questiona, texto sagrado e que nunca se refuta etc. Para Taim, parece ter ficado claro que ele apercebeu a sua criminalização com morte, como algo ruim, inadequado, incompatível com sua experiência vivida – tanto que fugiu. Como naquele contexto ele procurou ajuda profissional de um trabalhador psi, ele pode aperceber-se inadequado, mas não a ponto de concordar em ser assassinado.

REFERÊNCIAS

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**; um psicólogo no Campo de Concentração. Petrópolis: Vozes, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HAWLEY, Caroline. Iraquiano gay relata como escapou de ser atirado de prédio pelo 'EI'. **BBC/ Brasil**. Publicado em 27 de junho de 2015. Sítio: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150723_ei_homossexuais_tg [Capturado em 22 de maio de 2016].

HOMOMENTO. Original: 01/09/2009. Retrospectiva de Agosto. Sítio: <https://homomento.wordpress.com/tag/tratamento-de-homossexuais/> [Capturado em 14 de julho de 2016].

MONTOVANI, Flávia. Relação homossexual é crime em 73 países; 13 preveem pena de morte. **Globo.com.G1**. Original: 21/06/2016. Sítio:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/relacao-homossexual-e-crime-em-73-paises-13-preveem-pena-de-morte.html> [Capturado em 28 de junho de 2016].

NIETZSCHE, Friedrich (1882). **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia de Bolso, s/d.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes & uma educação social**; cinema, educação e existencialismo. Vitória: Do Autor, 2004.

SOBRE OS AUTORES

Hiran Pinel, autor desse artigo, é professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES/ CE/ PPGE. Pós-doutorado pela Faculdade de Educação da UFMG. Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Mestre em Educação pela UFES/ CE/ PPGE. Psicólogo, pela Newton Paiva. Pedagogo, pela UNIUBE. Líder da linha de pesquisa “Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas”, e coordenador do subprojeto “Aprendizagem e Desenvolvimento Humano numa Perspectiva Fenomenológica Existencial”. Autor de livros e artigos científicos.

Débora Nascimento de Oliveira, coautora desse artigo, é especialista em Psicopedagogia (Saberes), e em Educação Inclusiva (Cândido Mendes). Licenciada em Pedagogia (Uniupe). Ex-aluna ouvinte da disciplina Processos Afetivos e Aprendizagem da UFES/ CE/ PPGE, no qual, sob orientação do professor Hiran Pinel, participou como coautora desse artigo.

Cleyton Santana de Sousa, coautor desse artigo, é mestrando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES/ CE/ PPGE, sob orientação do professor Hiran Pinel. Especialista em Gerenciamento de Projetos (FUCAPE), bem como em Docência do Ensino Superior (FABRA). Licenciado em Matemática (FABRA) e Bacharel Sistemas de Informação (CESA). Bolsista CAPES. Participou como coautor desse artigo.